

Fluxo – Estúdio de Jornalismo: implantação e financiamento através de *crowdfunding*¹

Ana Letícia Gonçalves de LIMA²

Carlos Alberto ZANOTTI³

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

RESUMO

Diante da crise enfrentada pelo modelo tradicional de jornalismo praticado nos dias atuais nota-se a ascensão de veículos de comunicação que têm como objetivo a prática jornalística fora dos moldes tradicionais da grande imprensa. É nesse cenário que surge o objeto do estudo aqui pretendido, o Fluxo – Estúdio de Jornalismo. As mudanças que o empreendimento traz dizem respeito não só à forma de fazer o jornalismo, mas também ao seu modelo de financiamento, através do *crowdfunding*. Para entender melhor as propostas do Fluxo, retomaremos alguns conceitos históricos ligados à prática jornalística e seu financiamento através de levantamento bibliográfico e documental; e analisaremos mais a fundo as mudanças pretendidas pelo veículo com base em entrevista realizada com o idealizador do projeto, o jornalista Bruno Torturra.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo na internet; Sociedade Midiatizada; *Crowdfunding* no Jornalismo.

O PAPEL DO JORNALISMO

Em uma sociedade democrática, a comunicação tem o objetivo de levar ao cidadão toda a informação que não está ao seu alcance, seja ela de cunho político e econômico – já que as principais decisões em ambas as esferas são tomadas com certo distanciamento da população –, ou também as de aspecto social e cultural. E é principalmente nesse contexto que o jornalismo se destaca, como cita Wolton (2004), como “um meio de fazer a ligação entre a escala individual e a do mundo exterior”.

Atribui-se ao jornalista, então, a tarefa de auxiliar na comunicação dos diversos grupos existentes na sociedade. Para Kovach e Rosenstiel,

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas. Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq. email: anag.lima@live.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: zanotti@puc-campinas.edu.br

A imprensa nos ajuda a definir nossas comunidades, nos ajuda a criar uma linguagem e conhecimentos comuns com base na realidade. O jornalismo também ajuda a identificar os objetivos da comunidade, seus heróis e vilões. [...] A imprensa funciona como um guardião, tira as pessoas da letargia e oferece voz aos esquecidos (2003, p. 31).

Mas nada disso é ao acaso. Como é possível observar em Melo (1994), apesar da divisão entre o chamado jornalismo informativo e o jornalismo opinativo, mesmo o primeiro nunca está totalmente livre de influências ideológicas. Os veículos se movem em direções que lhe são atribuídas pelas forças que os controlam e, conseqüentemente, acabam também influenciando na forma como a própria sociedade se constrói. Essas forças controladoras – os donos dos meios de comunicação, grandes monopólios midiáticos, anunciantes, entre outros – normalmente têm interesses financeiros envolvidos e acabam por direcionar as notícias que serão ou não publicadas no periódico em questão e de que forma isso ocorrerá. Para Melo (1994), a estratégia se materializa através de uma filtragem que pode omitir certos detalhes, projetar outros ou até mesmo reduzi-los.

O FINANCIAMENTO DOS JORNAIS

A ação controladora da publicidade em um jornal é poderosa a ponto de interferir até mesmo no agendamento das notícias por um bom motivo: é dessas corporações que vem o dinheiro para que o jornal continue em circulação, além de proporcionar lucro para seus proprietários (MEYER, 2007). Esse é um dos motivos pelos quais o Fluxo adota um modelo de financiamento livre de interferências publicitárias e/ou governamentais, segundo os princípios apontados em seu site (FLUXO, 2015).

Porém, para existir interesse dos anunciantes em pagarem por um espaço num jornal, é preciso que este atinja um número considerável de pessoas. Foi a partir da década de 60 do século passado que isso se tornou um problema, com a chegada de novas fontes de informação – como por exemplo a televisão – que passaram a disputar esses anunciantes.

A competição criada pela tecnologia foi iniciada muito antes de se falar na supervia da informação. A diagramação digital barata e a impressão offset levaram ao crescimento explosivo de produtos impressos segmentados, capazes de atingir o público almejado pelos anunciantes (MEYER, 2007, p. 48).

Muitas foram as formas que os donos dos jornais utilizaram para tentar sair dessa situação. A primeira delas ficou conhecida como “pegue-o-dinheiro-e-corra”, como observado na crítica de Meyer (2007). A estratégia consiste no aumento do valor de venda do jornal, mas na redução do custo de produção, cortando funcionários; mantendo baixos salários e diminuindo o espaço editorial, por exemplo. Ainda segundo o autor, uma outra estratégia utilizada foi a de se aliar a essas novas tecnologias, principalmente no meio digital. “O movimento dos jornais em direção à divulgação de notícias e anúncios pela internet é um bom exemplo, porque explora a experiência do jornal em criar conteúdo num novo meio de divulgação” (MEYER, 2007, p. 50).

A ASCENÇÃO DAS MÍDIAS ALTERNATIVAS

Anos depois, o jornalismo já se encontra agora totalmente inserido no ambiente digital, trazendo consigo novos desafios e ambições por parte daqueles que o produzem. Com o aumento cada vez mais frequente nas demissões de jornalistas das grandes corporações de mídia (CARDARELLI, 2012) e numa tentativa de fazer um jornalismo mais distante da publicidade e menos dependente dos anunciantes, surgem as mídias independentes, entre as quais pode-se inserir nosso objeto de estudos.

Através da pesquisa foi possível chegar a uma das principais precursoras desse movimento, chamado pela pesquisadora Elizabeth Lorenzotti de PÓS-TV. A este movimento esteve associado o criador do portal Fluxo, Bruno Torturra. A respeito da atuação da Mídia Ninja, a pesquisadora destacou: N.I.N.J.A., sigla em português para Narrativas Independentes Jornalismo e Ação é o grupo responsável pela POSTV, sua mídia digital independente. E não nasceu agora, mas há um ano e meio, e está ancorada no movimento nacional *Circuito Fora do Eixo*. [...] Nesses tempos fora do eixo e de paradigmas, talvez seja este o embrião da nova mídia do futuro que já é hoje – uma POSTV feita por pós-jornalistas, para pós-telespectadores (LORENZOTTI, 2013).

A Mídia NINJA ganhou maior visibilidade durante as manifestações contra o aumento da passagem de ônibus em São Paulo, em junho de 2013. Munidos de smartphones com acesso à internet, os repórteres documentaram em tempo real, via *streaming*⁴, as manifestações diretamente de onde tudo fervilhava: junto aos manifestantes.

⁴ Forma de distribuir informação multimídia numa rede através de pacotes. É frequentemente utilizada para distribuir conteúdo multimídia através da Internet.

Lorenzotti observa como esses dois detalhes – a cobertura em tempo real, sem cortes, através da internet e em meio ao acontecimento, testemunhando-o – foram de grande importância no momento em que a Mídia NINJA se colocava como uma alternativa à mídia tradicional.

Enquanto a Globo ficava do alto de edifícios, sitiada, a mídia independente sempre esteve no meio das ruas nesses dias de rebelião. “Estamos aqui, do alto deste edifício”, diziam os repórteres globais. Mas quem quer ficar vendo manifestação do alto de edifícios? eu me perguntei (LORENZOTTI, 2013).

Mas a Mídia NINJA foi só o pontapé inicial para o surgimento de outros canais que se propunham a fazer um jornalismo diferenciado, utilizando a tecnologia *streaming* e sem o financiamento de grandes anunciantes. Por isso, entende-la é tão importante para os estudos relacionados ao objeto de pesquisa aqui proposto.

O EXPERIMENTALISMO DO FLUXO

Foi em 2013 que um dos idealizadores da Ninja, o jornalista Bruno Torturra⁵, deu início ao projeto do Fluxo. A visibilidade da NINJA chegou a proporções inimagináveis em pouquíssimo tempo, ganhando até destaque em jornais internacionais como *The New York Times*. Com um crescimento tão rápido, a NINJA contava com mais de 200 colaboradores de todos os grandes centros do país, produzindo textos de todo tipo, que acabavam ficando sob responsabilidade de Torturra.

Diante disso, duas opções foram consideradas: tomar a frente do projeto e organizar tudo aquilo que era produzido pelos colaboradores ou partir para um novo projeto, com ideais mais próximos ao que a NINJA deveria ser (TORTURRA, 2016).

Foi diante deste impasse que surgiu o Fluxo. A ideia vai além da produção de conteúdo multimídia através do site, trazendo também um novo ambiente para debates, workshops e cursos relacionados à mídia atualmente – o estúdio Fluxo.

O local – onde funciona a redação do site e também os encontros e eventos promovidos – é um importante fator a ser observado. Torturra (2016) acredita que o que está em crise não é o jornalismo, mas sim o modelo da redação em que os veículos estão

⁵ Por 11 anos trabalhou na revista Trip como editor de música, repórter especial, correspondente internacional e diretor de redação. Em 2011 fez a primeira transmissão ao vivo por streaming de uma manifestação de rua do Brasil. A partir dessa experiência, ajudou a criar e difundir a PósTV, rede nacional, descentralizada e experimental de streaming. No final de 2012 começou a articular a criação da Mídia NINJA .

instalados: locais fechados, com acesso restrito apenas aos jornalistas e colaboradores que trabalham por lá, sem o acesso e a participação da audiência que o consome. Por isso, um dos pilares principais do que vem a ser o projeto Fluxo como um todo é oferecer ao público um espaço de debate e vivência sobre os mais variados temas, dentre eles a mídia e o jornalismo, de forma a convidar o leitor a participar ativa e diretamente de sua produção.

Eu acredito numa coisa fundamental, que é que as empresas de jornalismo, os veículos de jornalismo, eles não podem ser lugares fechados dos quais a mensagem é emitida para o público exterior. Acho super importante que cada vez mais os veículos sejam abertos ao público. Eu acredito mesmo que seriam veículos muito melhores, com mais relevância, se o prédio deles fosse ocupado por leitores. Houvesse uma agenda fixa de eventos, encontros com jornalistas, que pudessem ouvir o público, responder dúvidas ou críticas diretamente das pessoas. E a gente tenta fazer isso aqui (TORTURRA, 2016).

Com sede no Vale do Anhangabaú, centro de São Paulo, o ambiente foi todo reformado e mobiliado através de doações, deixando claro desde o início a intenção de Torturra de construir uma mídia e um espaço financiados através do seu próprio público.

Esse modelo de financiamento é conhecido como *crowdfunding*, e apesar de se tratar de uma novidade, vem ganhando cada dia mais adeptos na internet. Através de plataformas como *Kickstarter* e *Catarse*, os produtores anunciam seus projetos em busca de pessoas que acreditem na ideia e estejam dispostas a contribuir financeiramente com ela (FELINTO, 2012). Em alguns casos, o apoiador recebe em troca singelas recompensas, que na maioria das vezes têm alguma ligação com o projeto financiado.

No caso do Fluxo existem três maneiras de contribuir: a primeira delas é se tornando um apoiador – doando a quantia de R\$15,00 mensais e tendo em troca descontos em produtos, cursos e festas promovidos pelo projeto e uma edição do zine⁶ produzido no Fluxo. A segunda forma de contribuição é se tornar um membro, com a doação de R\$100,00 mensais. Nesse caso, as recompensas passam a ser a gratuidade em alguns dos eventos produzidos pelo Estúdio e uma margem de desconto maior em outros; um pôster ou camiseta do projeto; 4 zines produzidos ao longo do ano e a participação no conselho do Fluxo, o que dá o direito ao membro participar de uma reunião de pauta online por mês. Existe também a opção de doações avulsas de qualquer

⁶ Meio de comunicação independente, feito majoritariamente por “fãs” de determinadas subculturas, como cinema de ficção científica, música punk, jornalismo independente, e qualquer outro tema que a imprensa oficial não tratasse com profundidade. Eram geralmente xerocados ou mimeografados e trocados pelo correio ou em grandes encontros temáticos.

valor e também de todo e qualquer tipo de equipamento de filmagem, fotografia, audiovisual, bem como mobília para a manutenção do estúdio (FLUXO, 2016).

A gente nunca pegou dinheiro de empresa, nunca teve patrocínio. Mas a gente teve apoio - não pro estúdio, mas pro Fluxo funcionar como um espaço de pesquisa de jornalismo - de 3 fundações, que é um financiamento pontual que fez muita diferença e que salvou a gente nos últimos meses, para a produção *Jornalismo em Fluxo*⁷. Não foi um investimento, mas sim um dinheiro de doação (TORTURRA, 2016).

Torturra (2016) destaca que, atualmente, o Fluxo conta com 150 a 200 pessoas colaborando financeiramente na forma de apoiadores ou membros. A ideia é que o projeto seja completamente financiado por pessoas que acreditam na proposta do Fluxo e que estejam dispostas a contribuir para as produções do veículo. “Esse é o nosso manifesto: eu quero que o Fluxo prove a tese de que existe uma massa crítica de leitores interessados em conteúdo, e que se identifique com o tipo de produção de conteúdo capaz de sustentar essa produção” (TORTURRA, 2016).

Apesar disso, nos dias atuais o projeto não sobrevive apenas dessas contribuições, mas também de outros trabalhos realizados por ele, como palestras, workshops, consultoria e trabalhos *freelancer*; e também dos eventos produzidos pelo Fluxo e sediados no estúdio e festas no prédio do Farol. Nos últimos meses, o site parou de fazer campanhas de arrecadação de fundos por não conseguir produzir tanto conteúdo como o esperado.

Eu comecei a me sentir muito mal quando as doações estavam entrando mês a mês e eu não conseguia colocar tanta coisa no ar. Eu estava produzindo muito pouco pra essas pessoas. Então é muito difícil pedir dinheiro para as pessoas. Falar, por exemplo: ‘me dá o dinheiro primeiro e depois eu te conto o que vou fazer’ (TORTURRA, 2016).

O Fluxo se destacou durante as eleições presidenciais de 2014 ao dar espaço aos candidatos que normalmente não tinham tanta visibilidade na mídia tradicional. Nesse ponto, o portal deixa claro alguns dos valores presentes em sua linha editorial, descrita na sessão ‘Sobre’ do site: (conserte abaixo: ponha entrelinha simples, corpo 1 ponto menor que o do texto)

⁷ Série de diálogos, entrevistas, artigos e encontros para discutir o estado da mídia brasileira.

Fazer jornalismo é fazer política. É reconhecer que o ativismo não contamina nosso ofício. Ao contrário: o complementa, o justifica. Nossa vontade de registrar a realidade é idêntica à vontade de transformá-la.

Causas e ações nos interessam. Assim, não hesitaremos na hora de defender ideias e ideais: justiça social, perspectiva ambiental, secularismo, respeito e amor pela diversidade humana são valores inegociáveis para nós. Por eles seremos pautados. E não hesitaremos em tomar partido, comprar brigas ou ganhar desafetos para defendê-los (FLUXO, 2015b).

Desde de fevereiro de 2016 o Fluxo produz o CórteX, uma série de programas quinzenais que têm como proposta discutir temas atuais em forma de passeio de câmera, com tomadas sem cortes, filmados através de *smartphones* e disponibilizados no canal do Fluxo no *Youtube*. O CórteX busca não só o debate de atualidades, mas de tudo aquilo que está por trás do assunto. Um exemplo é o primeiro programa, no qual Bruno Torturra circula pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo acompanhado do médico e professor Paulo Sadiva, debatendo a questão do zika vírus. O bate-papo vai além da cobertura tradicional da grande mídia, que na maioria das vezes traz observações sobre como se prevenir, sintomas etc; trazendo para o público debates mais profundos sobre a saúde pública, saneamento básico e os avanços das pesquisas no campo da epidemiologia.

Apesar de ser um programa relativamente novo, os 5 episódios disponibilizados até o momento já atingiram a marca das 20 mil visualizações. Para Torturra (2016), esse número é bastante significativo, visto que se trata da primeira tentativa de produção de conteúdo periódico do Fluxo que dá certo. Sendo considerado por ele um veículo em constante mudança e experimentação e que ainda não se definiu se uma forma concreta, o fato de algo ‘não dar certo’ não é motivo para que se considere o Fluxo como um fracasso. Ele também cita que pensou em encerrar o projeto diversas vezes, e que todo mês sua dúvida quanto à continuidade persiste, porém “isso é o mais interessante, porque à medida que você vai tendo que se adaptar à realidade você descobre o que o Fluxo deve ser e o que ele poder ser. São coisas diferentes” (TORTURRA, 2016).

A incerteza só evidencia algo que Torturra busca diariamente para o Fluxo: experimentalismo. Foi o que ocorreu ao se buscar alternativas mais viáveis economicamente, mas também profissionalmente, quando da troca de câmeras profissionais e de estúdio por *smartphones*. Observando o fato de que câmeras profissionais exigiam uma pessoa especializada para operá-la, eram financeiramente menos viáveis e acabavam por interferir no ambiente das filmagens alterando-o

significativamente, viu-se no smartphone a saída ideal para o problema. Afinal, pode ser utilizado por qualquer pessoa com o mínimo de instrução, é mais barato e acabou por se tornar algo tão comum no dia-a-dia, que não interfere no ambiente das filmagens, tornando-as mais espontâneas.

Na verdade, o Fluxo não é tanto um veículo. Eu não gosto de chamar ele de veículo. Eu acho que ele é um veículo em busca do que ele deve ser. Ele é um experimento, por enquanto. O site do Fluxo não faz o menor sentido hoje. Todo dia num tempo que sobra eu paro, olho e penso ‘o que tem que ser esse site?’ Porque do jeito que tá, ele se apresenta como um lugar que não existe ainda (TORTURRA, 2016).

Dessa forma também, Torturra insere o Fluxo em um contexto diferente daquele em que comumente o projeto é associado – o do jornalismo independente. Para ele, independência é um conceito extremamente relativo dentro da comunicação, ressaltando que todas as mídias são dependentes de alguma forma, sejam de instituições que as financiem ou mesmo do próprio público que as consome. O conceito utilizado por ele para denominar a mídia que pretende influenciar através do Fluxo é o de interdependência (TORTURRA, 2016).

E o que eu acredito muito, que é a palavra que a gente deveria usar é ‘migrar’, e eu me incluo muito no time da Pública⁸, da Ponte⁹, etc; que fazem um trabalho muito mais dirigente do que o meu, que é do jornalismo interdependente. A interdependência é o que define a rede, interdependência do público, interdependência com os outros veículos, a gente se complementar na produção, a gente compartilhar uma cultura de informação, de financiamento coletivo, de esforços, estruturas, responsabilidades com o público. Isso que me interessa (TORTURRA, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Fluxo ainda não pode ser avaliado como um veículo de comunicação, levando em consideração que nem mesmo seu idealizador o considera como tal. Mas é importante enxergá-lo como um experimento em ascensão, mesmo porque a iniciativa consegue trazer para o jornalismo uma alternativa viável de produção de conteúdos e um espaço para discussão da mídia brasileira.

O Fluxo como Estúdio pode ser considerado algo exclusivo atualmente no Brasil. O próprio ambiente onde está instalado diz muito sobre sua proposta: os móveis são de

⁸ Agência de jornalismo investigativo, independente e brasileira, que também é financiada por *crowdfunding*.

⁹ Canal de informações sobre segurança, justiça e direitos humanos financiado por *crowdfunding*.

fácil deslocamento para que possam ser modificados de lugar e acomodar mais pessoas durante os eventos; as estantes estão repletas de livros; e muitos dos programas do Fluxo são gravados ali.

O projeto se mostra viável ao passo que entende as limitações que esse tipo de financiamento pode trazer, e se adapta a isso. Um exemplo é a substituição dos tradicionais equipamentos de filmagem por *smartphones*, que além de baratear a própria compra também exclui a necessidade de contratar profissionais especializados para realizar as filmagens. Manter uma redação enxuta, com pessoas que estejam dispostas a realizar diversas atividades em diferentes setores, também pode ser considerada uma maneira de se adaptar aos altos e baixos decorrentes de que um modelo de financiamento baseado em doações incertas pode acarretar.

Ainda é cedo para avaliar se o *Crowdfunding* no caso do Fluxo irá funcionar, levando em conta que não são somente as doações que sustentam o projeto atualmente. Porém, observando que as campanhas de arrecadação de doações cessaram e mesmo assim o site tem a contribuição mensal de cerca de 150 pessoas, é possível prever que com uma divulgação mais forte e campanhas mais intensas, futuramente o Fluxo consiga se sustentar somente através de doações. Essas previsões vêm muito do fato de que Bruno Torturra tem uma visibilidade muito grande no ativismo na internet, tendo mais seguidores e alcance digital do que o próprio Fluxo, atraindo assim mais pessoas que ainda não conhecem o projeto.

De qualquer forma, como Torturra (2016) cita, o objetivo de experimentar dentro do jornalismo está sendo atingido. “Eu acredito nisso. Se daqui 1 ano ou 2, tiver que fechar, foi uma experiência, já valeu”.

REFERÊNCIAS

CARDARELI, Renata. **Mais de mil jornalistas foram demitidos nos últimos 12 meses**, ABJ – Associação Brasileira de Jornalistas, 30 Dez 2012. Disponível em:

<http://www.abjornalistas.org/page.php?news=370>. Acesso: 12 Jan 2015.

FELINTO, Erick. **Crowdfunding**: Entre as Multidões e as Corporações. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, vol.9, n.26, p.137-150, nov. 2012. Disponível em:

<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/347>>. Acesso: 12 Fev 2016.

FLUXO. Sobre. Fluxo é um espaço e um estúdio em construção. Disponível em:

<<http://www.fluxo.net/sobre>>. Acesso: 12 Fev 2015.

_____. **Como Apoiar.** Não basta ter fé na mídia alternativa. Tem que apoiar!. Disponível em:

<<http://www.fluxo.net/doar/>>. Acesso: 12 Fev 2016.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo.** São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LORENZOTTI, Elizabeth. **POSTV**, de pós-jornalistas para pós-telespectadores. Observatório da Imprensa, 25 Jun 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/postv_de_pos_jornalistas_para_pos_tespectadores/>. Acesso em: 12 Fev 2016.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1994.

MEYER, Phillip. **Os jornais podem desaparecer?:** Como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Contexto, 2007.

TORTURRA, Bruno. **Fluxo – Estúdio de Jornalismo:** entrevista. [11 mar. 2016]. Entrevistador: Ana Letícia Gonçalves de Lima. São Paulo, 2016.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação.** Trad. Zélia Leal Adghirni. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004